



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10699 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 06 - Formação de Professores

O PEDAGOGO DA EDUCAÇÃO BÁSICA E A REFLEXÃO SOBRE AS PRÁTICAS DESENVOLVIDAS NO COTIDIANO ESCOLAR

Victoria Mottim Gaio - UEPG - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
 Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

O PEDAGOGO DA EDUCAÇÃO BÁSICA E A REFLEXÃO SOBRE AS PRÁTICAS DESENVOLVIDAS NO COTIDIANO ESCOLAR

O presente texto apresenta um recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento, a qual possui como objeto de investigação a prática dialógica do pedagogo da educação básica, com o objetivo de desvelar a constituição e os princípios organizadores de tais práticas. Compreendemos o pedagogo como o profissional que atua na gestão escolar, também denominado coordenador pedagógico; pedagogo escolar. É formado no curso de Licenciatura em Pedagogia e desenvolve suas atribuições na organização e coordenação dos processos educativos.

Diante desta definição, autores como Pinto (2011), Placco (2012) e Franco (2016) nos auxiliam a compreender as atribuições e os papéis a serem desenvolvidos pelo pedagogo no cotidiano escolar, desenvolvendo suas funções no âmbito da formação dos docentes; elaboração coletiva do projeto político pedagógico (PPP); atuando diretamente com os alunos, professores e comunidade e mobilizando um trabalho coletivo.

Partimos dos apontamentos de diferentes pesquisas e do contato com a realidade escolar que revelam as dificuldades encontradas pelo pedagogo em seu trabalho, evidenciando as suas múltiplas atribuições, as cobranças externas, os serviços burocráticos, as condições de trabalho, a construção de sua identidade, entre outros desafios vivenciados.

Reconhecemos também que o contexto de trabalho é um contexto contraditório, ou seja, contexto esse entendido a partir de autores como Hypolito (2011), Duarte (2020), Freitas (2018), os quais apontam as visões, concepções e formas de trabalho impostas pela

organização atual de Estado, governo e sistemas educacionais, imersos em um projeto social gerencialista e neoliberal no qual os objetivos de formação e ensino voltados ao mercado de trabalho, ao enfoque técnico, suavização dos conteúdos, tem levado ao aumento das desigualdades entre os alunos. Nesse sentido, o contexto contraditório vivenciado no interior das escolas, exige do pedagogo o desenvolvimento de práticas imediatistas, burocráticas, a fim de atender as demandas externas.

A partir desse reconhecimento passamos a nos questionar sobre as possibilidades de atuação do pedagogo diante das adversidades do trabalho cotidiano. Nesse sentido, encontramos em Freire (2000) o apoio para defendermos a busca de ir da denúncia de uma situação desumanizante ao anúncio da sua superação, ou seja, da denúncia da precariedade do trabalho do pedagogo, que exige práticas voltadas para a racionalidade técnica, ao anúncio da possibilidade de práticas dialógicas e da transformação da realidade.

A racionalidade técnica é compreendida a partir de Diniz-Pereira (2014, p.36) como um modelo em que “[...] o professor é visto como um técnico, um especialista que rigorosamente põe em prática as regras científicas e/ou pedagógicas. [...] Durante a prática, professores devem aplicar tais conhecimentos e habilidades científicas e/ou pedagógicas”. Nesse sentido, exigindo do pedagogo a aplicação de técnicas e conhecimentos, visto o imediatismo das práticas.

Diante de tais situações presentes na prática do pedagogo, defendemos enquanto possibilidade de atuação o desenvolvimento de práticas dialógicas. Compreendemos a prática dialógica como uma prática intencional, historicamente constituída, tendo como elemento central o diálogo igualitário, desta forma, os significados são criados nas interações, nas relações com as pessoas que entram em acordos, promovem debates, fazem escolhas coletivas, em detrimento do poder e da hierarquia, ou seja, é um diálogo com pretensões de validade, igualitário e respeitoso entre todas as pessoas.

Sendo assim, indagamos: os pedagogos da educação básica desenvolvem práticas dialógicas? Apresentamos como objetivo do presente texto: Identificar o desenvolvimento de práticas dialógicas do pedagogo da educação básica.

Para atingir os objetivos da pesquisa, desenvolvemos uma pesquisa que tem como eixo epistemológico a teoria como expressão pra prática (MARTINS, 1996) compreendendo a transformação social como processo construído através das lutas dos trabalhadores, da ação prática dos sujeitos, com o enfoque para a sistematização coletiva de conhecimentos.

Como base para a conceituação da prática dialógica, apoiamo-nos na dialogicidade de Paulo Freire, na teoria da ação dialógica, na qual evidencia-se o diálogo a partir da colaboração, união para libertação, organização e síntese cultural (FREIRE, 2011). Consideramos a coletividade, o diálogo entre os sujeitos, a comunicação, a problematização, para que seja possível, juntos, buscarmos a transformação. Pensando no trabalho do pedagogo, refletimos sobre a importância de termos clareza, superando a alienação, para que

seja possível a colaboração, a troca entre os sujeitos, mas entendemos que essas mudanças acontecem em processo, no processo também coletivo, por meio do diálogo com os pares, pensando a realidade e o trabalho desenvolvido na escola, superando a imposição.

A aprendizagem dialógica de Aubert *et al.* (2018) também embasa a discussão da prática dialógica. Justifica-se a partir das mudanças na sociedade, com o momento denominado pelos autores de giro dialógico. O giro dialógico aborda as mudanças nas relações humanas, relações institucionais e nas ciências sociais, é o processo de transformação de relações de poder para relações mais dialógicas. “A aprendizagem dialógica é produzida em diálogos igualitários, em interações nas quais é reconhecida a inteligência cultural de todas as pessoas e que são direcionadas à transformação dos níveis prévios de conhecimento e do contexto sociocultural, de modo que seja possível avançar até o sucesso de todos e todas.” (AUBERT *et al.*, 2018, p.137). Valoriza-se as interações entre as pessoas de forma horizontal, valorizando os conhecimentos de todos, favorecem a criação de sentido pessoal e social, orientadas por princípios solidários.

A metodologia da pesquisa baseia-se na Metodologia Comunicativa Crítica – MCC, concepção que parte de uma investigação responsável, rigorosa e comprometida, viabilizando a transformação social. Possui como base a realidade das pessoas, tem o rigor científico de pesquisa, mas com vistas à utilidade social, ou seja, que de fato beneficie as pessoas envolvidas no processo investigativo e as auxilie na transformação desta realidade. Conforme os estudos de Gómez *et al.* (2006), a ênfase no diálogo e na ação comunicativa, implicam uma construção de conhecimentos a partir da intersubjetividade e da reflexão. Para os autores supracitados, os dois conceitos definem a superação da dicotomia objeto e sujeito e a capacidade crítica da reflexão e autorreflexão da sociedade e das pessoas, desta forma, os sujeitos investigados são participantes, e não apenas objetos de coleta de informações.

O instrumento de pesquisa utilizado foi o questionário, a fim de desenvolver um estudo exploratório sobre o desenvolvimento de práticas dialógicas, aplicado por meio de formulário online via google forms. Com a aprovação no comitê de ética, o questionário foi enviado para as instituições educativas da cidade de Ponta Grossa- PR, envolvendo tanto a rede municipal como a rede estadual de ensino, por considerarmos o trabalho desenvolvido pelo pedagogo em ambas as redes. Após o envio, obtivemos o retorno de 72 pedagogos, sendo 52 da rede municipal de ensino e 20 da rede estadual de ensino. A identificação dos participantes foi realizada a partir do código QP (questionário – pedagogo) seguido do número que corresponde o profissional na ordem das respostas presente no arquivo excel, exemplo: QP1, QP2, QP3...

Por nos referirmos a um recorte de pesquisa em andamento, evidenciamos que a mesma utilizará entrevistas semiestruturadas e grupo de discussões com os pedagogos que forem selecionados no questionário por desenvolverem práticas dialógicas, com o objetivo de evidenciar essas práticas e possibilidades.

Sendo assim, com a utilização do questionário buscamos identificar na prática dos pedagogos participantes da pesquisa, se há o desenvolvimento de práticas dialógicas. Para isso, as questões foram elaboradas a partir do embasamento teórico da pesquisa. Questionamos sobre o desenvolvimento do diálogo igualitário do seu cotidiano; a abertura e participação dos demais sujeitos; valorização da inteligência cultural; momentos de diálogo e decisões coletivas; as relações estabelecidas entre as pessoas; o inacabamento do ser e o poder de transformação; por fim, solicitamos as conclusões das próprias pedagogas sobre a sua prática desenvolvida.

Diante dos dados coletados, percebemos que os pedagogos compreendem e buscam realizar um diálogo igualitário, no entanto, destacam encontrar resistência na participação dos sujeitos e que há dificuldade causada pela demanda de trabalho. No entanto, questionamos: por que há resistência na participação dos sujeitos em um diálogo igualitário? Há a valorização do conhecimento de todos nesse processo? Há sentido para os participantes no processo de participação?

Conforme aponta Aubert *et al.* (2018) ao valorizar a participação dos sujeitos as pessoas se sentem motivadas a contribuir, compreendem o seu papel diante do contexto e percebem que a partir do diálogo há possibilidades de mudanças. Dessa forma, é necessário identificar os motivos que levam à resistência na participação e como superar essa dificuldade, além do impacto das demandas no desenvolvimento do diálogo.

Solicitamos que os pedagogos relatassem momentos em que o diálogo e as decisões coletivas se efetivaram na prática pedagógica das participantes. Os relatos nos mostram as buscas em realizar tais ações. Um número expressivo está vinculado à momentos com o grupo de docentes, como decisões coletivas em reuniões, formações, elaboração do PPP e momentos de planejamento. São também apresentadas por alguns pedagogos situações com pais e alunos.

Selecionamos alguns relatos para esclarecer os momentos de diálogo e decisões coletivas nas escolas:

Como trabalhamos com um grande número de professores, o diálogo é a única saída para que todos tenham a sensação de pertencimento. Quando não há consenso, escolhemos as ideias mais recorrentes e fazemos votação para escolher a que irá ser efetivada (QP24).

Diariamente, alunos, professores e funcionários falam o que precisam e a equipe gestora buscar adaptar da melhor forma para atendê-los, é essencial para a nossa realidade (QP29).

Todo o trabalho realizado no colégio é baseado no diálogo. Argumentamos até conseguirmos chegar em um ponto em comum, para o bom desenvolvimento do trabalho escolar. [...] (QP37).

Nas falas dos pedagogos podemos perceber que há o desenvolvimento de ações coletivas, de construção de consensos, a busca de alternativas a partir dos argumentos dos sujeitos. Apontamentos que dialogam com o referencial utilizado e nos mostram que as pedagogas tem possibilitado esse trabalho e tem desenvolvido o seu papel na mediação do processo.

Abordamos o conceito do diálogo igualitário a fim de promover a reflexão por parte dos pedagogos sobre suas práticas, os quais afirmaram que valorizam a participação e a construção coletiva a partir dos argumentos das pessoas com quem trabalham na escola; e criam situações que possibilitam aos profissionais que trabalham na escola apresentarem os seus argumentos sobre as demandas escolares.

No entanto, em relação a participação dos pais e da comunidade nas discussões escolares considerando os seus argumentos; e a participação dos alunos das discussões escolares considerando os seus argumentos, houve uma fragmentação entre aqueles que apontam sempre ou muitas vezes realizarem tais situações, e aqueles que poucas vezes realizam.

Podemos identificar que ainda há uma fragilidade em relação à abertura aos pais e alunos, a qual pode ser dificultada por diferentes motivos de acordo com a realidade escolar dos pedagogos, no entanto, reforçamos que o diálogo igualitário precisa considerar todos os sujeitos, caso contrário, retornamos a práticas centralizadoras e hierárquicas. Dialogamos aqui com os princípios da aprendizagem dialógica (AUBERT *et al.*, 2018), levando em conta a inteligência cultural dos sujeitos, a criação de sentido, a solidariedade, a igualdade de diferenças as quais possibilitam o envolvimento e processo participativo.

Em relação as dificuldades em realizar práticas dialógicas, 13 pedagogos afirmaram a tentativa em realizar tais práticas, porém, destacaram dificuldades na efetivação. As dificuldades foram categorizadas entre as influências externas e os reflexos no desenvolvimento de práticas dialógicas; as relações sociais e os reflexos no desenvolvimento de práticas dialógicas.

A primeira categoria sobre “As influências externas e os reflexos no desenvolvimento de práticas dialógicas” vem ao encontro dos apontamentos realizados sobre o contexto contraditório de atuação do pedagogo que influencia em sua prática, os relatos dos participantes vêm ao encontro dessa afirmativa. Mencionam a burocratização, a falta de autonomia e as determinações vindas de maneira hierárquica e horizontalizada. Autores como Placco (2012), Placco, Almeida e Souza (2015), Hypolito (2011) tem demonstrado as cobranças e múltiplas atribuições que sobrecarregam o trabalho do pedagogo.

A segunda categoria “As relações sociais e os reflexos no desenvolvimento de práticas dialógicas”, indica a influência das relações sociais no processo coletivo e no desenvolvimento do diálogo. Conforme Santos (1992), Freire (2000, 2011) e Aubert *et al.* (2018), compreendemos que relações de poder e hierárquicas impedem o desenvolvimento do

diálogo e a construção coletiva de conhecimentos. A superação apoia-se no desenvolvimento de relação coletivas, igualitárias e dialógicas. Ainda está muito presente nas realidades escolares e na sociedade como um todo, levando-se em conta a estrutura econômica e social. No entanto, reforçamos que as mudanças podem ocorrer a partir de movimentos internos, das lutas dos trabalhadores, estabelecendo relações de tipo novo (SANTOS, 1992), mesmo que de formas embrionárias.

Após as análises realizadas, enfatizamos que a proposta do questionário não foi apenas coletar dados, mas propor a reflexão sobre a prática. Um dos pontos positivos a serem elencados foi de que ao questionarmos sobre práticas dialógicas, tivemos respostas que relacionaram a sua prática com os conceitos abordados no instrumento, elemento que pode ter auxiliado na construção de novos conhecimentos e o repensar das práticas. São 72 pessoas que tiveram contato com os conceitos que aqui abordamos e que puderam trazer as suas visões e conhecimentos, evidencia-se a busca da contribuição da presente pesquisa.

Concluimos, até o presente momento, que há movimentos e tentativas por parte dos pedagogos em desenvolver práticas mais dialógicas no seu trabalho, mesmo diante das adversidades do contexto, das dificuldades e das concepções que permeiam o ambiente escolar. Sendo assim, buscaremos contribuir para que a prática dialógica seja compreendida enquanto possibilidade de atuação ao pedagogo, profissional que atua na escola e possui importante função no processo educativo.

PALAVRAS-CHAVE: Pedagogo. Prática Dialógica. Diálogo. Reflexão.

REFERÊNCIAS

AUBERT, A. *et al.* **Aprendizagem dialógica na sociedade da informação**. São Carlos: EdUFSar, 2018.

DINIZ-PEREIRA, J. E. Da racionalidade técnica à racionalidade crítica: formação docente e transformação social. **Perspectiva em diálogo, Revista de Educação e Sociedade**, Naviraí, v.1, n.1, p.33-42, jan./jun. 2014.

DUARTE, N. A resistência ativa dos professores à doutrinação obscurantista neoliberal. In: FACCI, M. G. D.; URT, S. C. **Quando os professores adoecem**: demandas para a psicologia e a educação. Campo Grande, MS; Ed. UFMS, 2020. p. 23-44.

FRANCO, M. A. S. Da Pedagogia à coordenação pedagógica: um caminho a ser re-desenhado. In: FRANCO, M. A. S.; CAMPOS, E. F. E. (orgs). **A coordenação do trabalho pedagógico na escola**: processos e práticas. Santos: Editora Universitária Leopoldianum, 2016. p. 15-32.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 50 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paula:

Editora Unesp, 2000.

FREITAS, L. C. **A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias.** São Paulo, Expressão Popular, 2018.

GÓMEZ, J. *et al.* **Metodología comunicativa crítica.** San Gabriel: El Roure Editorial, 2006.

HYPOLITO, A. M. Reorganização gerencialistas da escola e trabalho docente. **Educação: Teoria e Prática.** v. 21, n. 38, p.59-78, out./dez., 2011.

MARTINS, P. L. O. A relação conteúdo-forma: expressão das contradições da prática pedagógica na escola capitalista. In: VEIGA, I. P. A. (Org.). **Didática: o ensino e suas relações.** Campinas: Papirus, 1996. p. 77-103.

PINTO, U. A. **Pedagogia escolar: coordenação pedagógica e gestão educacional.** São Paulo: Cortez, 2011.

PLACCO, V. M. N. S. O coordenador pedagógico no confronto com o cotidiano da escola. *In:* PLACCO, V. M. N. S; ALMEIDA, L. R.(org.) **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola.** São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 47-60.

PLACCO, V. M. N. S; ALMEIDA, L. R.; SOUZA, V. L. T. Retrato do coordenador pedagógico brasileiro: nuances das funções articuladoras e transformadoras. *In:* PLACCO, V. M. N. S; ALMEIDA, L. R. (org.) **O coordenador pedagógico no espaço escolar: articulador, formador e transformador.** São Paulo: edições Loyola, 2015. p. 9-24.

SANTOS, O. J. **Pedagogia dos conflitos sociais.** Campinas: Papirus, 1992.